



**GÊNEROS NO CONTEXTO BRASILEIRO:  
QUESTÕES [META]TEÓRICAS E CONCEITUAIS**

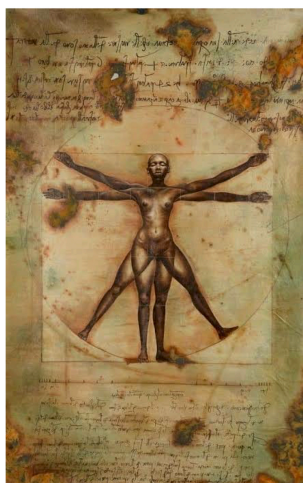
*Gêneros no contexto brasileiro*: questões (meta)teóricas e conceituais oferece a professores, estudantes e público em geral um panorama e uma discussão atualizada dos principais temas referentes a gênero e decorrentes da apropriação e do diálogo com as teorias internacionais pelos pesquisadores brasileiros. o autor traça um percurso que abrange desde a clássica distinção entre “gêneros textuais” e “gêneros discursivos” até o debate mais recente sobre o eventual surgimento de uma escola brasileira nos estudos de gênero, passando pela questão da inter-relação entre os gêneros no mundo real, contrastada com uma abordagem de gêneros como objetos estanques convenientemente adequados para o ensino. Escrito de forma tanto acessível quanto rigorosamente fundamentada, o livro ajudará o leitor a desenvolver uma compreensão mais clara e aprofundada sobre os gêneros, propiciando assim uma abordagem mais adequada ao ensino de língua, entre outras possibilidades de aplicação.

**Resenha**

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**:  
questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola, 2017

**Josenildo Barbosa Freire**

[josenildo.bfreire@hotmail.com](mailto:josenildo.bfreire@hotmail.com) • <https://orcid.org/0000-0003-3637-471X>



## RESENHA

Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais (Parábola, 2017), do professor Benedito G. Bezerra (Universidade de Pernambuco/UPE), faz parte da coleção *Lingua[gem]* da Parábola Editorial. O livro está organizado em seis capítulos, distribuídos em 136 páginas, que versam, no conjunto da obra, sobre gêneros textuais/discursivos como objetos de pesquisa no interior dos estudos linguísticos. E para cada capítulo, o autor reserva uma seção denominada *Para concluir*, que sumariza os aspectos centrais abordados no capítulo.

Já na *Introdução* da obra, Bezerra adverte que o ensino de Língua Portuguesa (língua materna) precisa enxergar o texto e o discurso; que entre esses dois está o gênero interrelacionadamente, e que, por sua vez, a definição dessa categoria “gênero” deve ser tomada como categoria mediadora de texto e o discurso. Neste sentido, já se identifica de que lugar discursivo o autor pretende falar e o que vai abordar nos capítulos da obra. O autor, também, defende a tese de que gênero seja concebido como textual/discursivo e não apenas com um dos qualificativos que geralmente lhes é atribuído, uma vez que unidos - em diálogo - a abordagem pode tornar-se mais produtiva.

No primeiro capítulo, intitulado *Gêneros discursivos ou textuais?*, para discutir essa temática, Bezerra inicia apontando que a ambivalência dessa expressão está presente em várias instâncias, como na ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) e no SIGET (Simpósio Internacional de Gêneros Textuais/Discursivos), por exemplo; revelando, assim, que, se trata de uma realidade. Para o autor, “[...] a flutuação terminológica gera diferentes leituras” (BEZERRA, 2017, p. 18) e ele questiona se essa distinção é realmente válida. Logo em seguida, afirma que a referida obra nasceu como resposta ao trabalho de Rojo (2005), que, também abordou essa questão.

O autor afirma que nos estudos de textos, sobretudo, na Linguística brasileira, há uma herança do pensamento de Bakhtin (1997) sobre a concepção de gêneros do discurso; mesmo, que, Bakhtin use a expressão gêneros do discurso em detrimento de gêneros textuais. É tanto, que, segundo Bezerra, essa visão bakhtiniana respinga sobre a abordagem de Bronckart (1999), que, tem ampla divulgação nos estudos linguísticos do Brasil, sobretudo, os de Linguística Aplicada.

Penso que não poderia ser diferente. O pensamento de Bakhtin não só repercutiu na Linguística Textual, na Literatura, mas, também, em outras áreas de pesquisas, como na Sociolinguística. A sua obra e seu pensamento são instrumentos importantes para se compreender fatos da língua, constituindo, na verdade, uma forma de se pensar a língua/linguagem/gênero.

Diferentes campos linguísticos abordam questões relacionadas aos gêneros textuais/discursivos, como por exemplo, a Análise da Conversação, a Linguística Textual e o Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart (1999); que, revelam dimensões diversas do objeto de pesquisa. Compreendo que o olhar sobre um mesmo objeto, a partir de diferentes perspectivas, é extremamente saudável e produtivo, sobretudo, porque permite que se conheçam aspectos diferentes de um mesmo fenômeno em análise.

Bezerra ainda retoma o trabalho de Marcuschi (2000a), que, embora, também comungue do pensamento de Bakhtin, adota a nomenclatura de gêneros textuais. Contudo, para o autor, a diferença básica entre os dois pesquisadores é terminológica e não conceitual, uma vez que mesmo falando de gêneros textuais, Marcuschi, na verdade, opera com a noção de gêneros discursivos.

O professor Bezerra estabelece as diferenças básicas entre gêneros textuais e gêneros discursivos. Aqueles, estão relacionados à materialidade e à organização textual, ou seja, aos aspectos constitutivos da língua; enquanto, que, estes, por seu turno, correspondem à inserção em práticas sociodiscursivas, ou seja, à realização concreta em uma situação comunicativa.

Compreendo que essas duas dimensões são importantes e devem ser consideradas como duas partes, que, se interpenetram e se complementam, revelando aspectos afins: texto e discurso. Por outro lado, também, reconheço que a divisão pode ser proveitosa do ponto de vista metodológico e didático (pensamento também compartilhado pelo próprio Bezerra, nessa obra), para o ensino, ou seja, como forma inicial de desenvolver e chamar a atenção dos discentes a essa temática. Segundo Bezerra, as perspectivas de análise e descrição textuais de origem francófonas dialogam com o pensamento e a obra de Bakhtin, sobretudo, o Interacionismo Sociodiscursivo de Bronckart, os trabalhos de M. Adam e os do próprio Bakhtin/O Círculo.

Para solucionar essa possível celeuma, Bezerra propõe que se adote a perspectiva de origem anglófona, representada, por exemplo, nas obras de Miller e

Bazerman (2011), a qual adota a proposta de integralização desses dois campos e usam apenas o item *gêneros*, para se referir ao que outras perspectivas bifurcam em gêneros textuais e gêneros discursivos. E por fim, de forma metafórica, Bezerra conclui afirmando que os qualificativos textuais e discursivos podem ser compreendidos como dois lados de uma mesma moeda. Na verdade, constituem duas partes que se interpenetram e se complementam, como já assinaléi anteriormente.

No segundo capítulo, intitulado *Equívocos sobre a relação gênero, texto e discurso*, Bezerra assegura que os gêneros estão na agenda do dia dos estudos linguísticos, uma vez que há uma quantidade significativa de publicações nessa área, os PNC de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, 1998) auxiliaram na popularização desse fenômeno e o ensino já recepcionou-os como objeto de aprendizagem escolar. Mesmo diante desse contexto positivo, para o autor, ainda não ocorreu o amadurecimento do conceito de gênero em todas as suas aplicações. Parece mais um modismo. E, conseqüentemente, passou a ocorrer uma série de equívocos na relação gênero, texto e discurso.

Ao situar essa problemática, no cenário brasileiro, de acordo com Bezerra, ainda há, no âmbito escolar, uma herança muito forte de tipos e sequências textuais como objetos/conteúdos de ensino/aprendizagem, priorizando-os em detrimento da noção de gêneros. E, desencadeiam-se vários equívocos sobre relação gênero, texto e discurso, sobretudo, entre gênero e texto; gênero e suporte; gênero e domínio discursivo; gênero e forma/estrutura e gênero e tipo. Nesse capítulo, de forma sumarizada, Bezerra estabelece as principais diferenças entre essas categorias analíticas.

Para Bezerra, a noção de gênero está relacionada a um fenômeno de reconhecimento psicossocial (BAZERMAN, 2005), ou, a uma questão de acordo social (MILLER; BAZERMAN, 2011) como também, a uma ação social, visão defendida pela abordagem sociológico-retórica dos gêneros (Abordagem Anglófona). E a definição de texto, por seu turno, vincula-se aos aspectos materializados ou constitutivos da linguística. Assim, em relação ao texto, destaca-se sempre o componente material. Bezerra, ainda, destaca o postulado de Marcuschi (2008), que, está em plena sintonia com o pensamento de Bakhtin, ao afirmar que a comunicação verbal só é possível por meio de textos e gêneros.

Em relação a suporte e gênero, Bezerra define que aquele está diretamente ligado ao lugar onde se instanciam textos de diversos gêneros, ou seja, elemento que

alberga textos e gêneros, como homepage, Facebook, outdoor, livros, etc. Também, de acordo com o autor, em Linguística, os suportes geralmente são ignorados, não constituindo objetos de pesquisa. Desse modo, o autor aponta um objeto de pesquisa para os novos pesquisadores.

Bezerra, também, discute o equívoco entre gênero e domínio discursivo. Para ele, o domínio discursivo corresponde à “esfera da atividade humana”; ou, ainda, diz respeito às instâncias discursivas nas quais circulam os gêneros, como os domínios discursivos: do jornalismo, jurídico, da religião, etc.; como também, o domínio discursivo pode ser entendido como a instância que dá origem a gêneros.

Segundo Bezerra, outro equívoco se dá na relação entre gênero e forma/estrutura. Para o autor, formas e estrutura estão ligadas às dimensões estruturais tipificadas de textos e gêneros, como extensão, sequência, dentre outros elementos, ou seja, dizem respeito a elementos linguísticos que auxiliam na identificação do tipo textual do gênero em análise.

Ainda, para o autor, outro equívoco constatado nos seus estudos diz respeito à confusão entre gênero e tipo textual. Para Bezerra, tipo textual está relacionado à uma “[...] espécie de construção teórica” (BEZERRA, 2017, p. 43), como formulado por Marcuschi (2008), ou, ainda a aspectos da composição sequencial de textos. Para Marcuschi, essa noção também pode ser entendida como modalidade discursiva.

E, antes de concluir o referido capítulo, Bezerra retoma, também, a noção de discurso, que associada às outras categorias anteriormente exemplificadas, também pode gerar equívocos. Para ele, discurso pode ser compreendido como “[...] por um processo de esquematização, conduziria a uma dada disposição textual, cuja manifestação visível, o texto como objeto empírico, se configuraria na forma de gênero” (BEZERRA, 2017, p. 45).

Por fim, Bezerra destaca a noção de gênero como central para os estudos que pautem a relação gênero, texto e discurso. Assim, para ele “[...] o gênero é a categoria que efetivamente nos permite passar do discurso ao texto sem que persista uma dicotomia entre ambos, por um lado, e sem que o gênero se reduza a um ou a outro” (BEZERRA, 2017, p. 45-46).

Neste sentido, percebo que para Bezerra a tríade gênero-texto-discurso é uma categoria que funciona plenamente quando é tomada de forma imbricada. Categorizá-los sim, mas, considerá-los dentre da perspectiva dialógica.

No terceiro capítulo, intitulado *Gêneros no mundo real: inter-relações*, Bezerra afirma que o foco dos estudos envolvendo gêneros está ainda centrado nos gêneros acadêmicos, profissionais ou de outra natureza, o que culminou, de um lado, em gerar a noção de que gêneros corresponde à entidades estanques; e, por outro, tornou-se um atrativo para realização de pesquisas. Contudo, a noção de gêneros deve ser operacionalizada no mundo real do discurso, ou seja, pela atividade de confrontação dos gêneros entre si. Essa prática gera diferentes rótulos/categorização dos gêneros ao serem relacionados.

O autor enumera e descreve alguns desses agrupamentos (rótulos/categorias), como por exemplo: conjunto, sistema, cadeia, constelação, colônia, gêneros disciplinares, hierarquização, redes, repertório, ecologias de gêneros. Essas categorias revelam, que, os gêneros correspondem a entidades complexas e dinâmicas do mundo do discurso, assim, como é o mundo real da interação verbal.

Bezerra associa a metáfora do mundo dos esportes (troca de bola entre os jogadores) com o conceito de apreensão. Ou seja, assim como no jogo, a remissão entre os gêneros não é aleatória, mas, regrada, como ocorre em uma partida de futebol. Por exemplo, a chamada para publicação em um periódico (edital, por exemplo), desencadeia uma série de outros gêneros até chegar no artigo científico publicado em sua versão final. Esse processo de apreensão/agrupamento é feito por diferentes perspectivas, que, por sua vez, o autor agrupa em dois grandes blocos: primeiro, domínio discursivo e profissional específico; segundo grupo, transdisciplinaridade e variados contextos profissionais.

Em seguida, Bezerra passa a descrever nove tipos de agrupamentos/apreensões listados por Bhatia (2004) e Spinuzzi (2004). O primeiro é conjunto de gêneros (DEVITT, 2004). Segundo Bezerra, essa apreensão se dá como forma de interação para realizar uma atividade de uma comunidade específica, ressaltando que o elemento central desse agrupamento é a individualidade do processo. Exemplos de conjunto de gêneros ocorrem como naqueles produzidos por contadores ou professores. Estes, produzem para operacionalizar sua atividade profissional, alguns gêneros como: planos, fichas de frequências, fichas de rendimento escolar, relatórios, aulas, provas, testes, avaliações, dentre outros.

O segundo tipo de agrupamento de gênero é o sistema de gêneros (BAZERMAN, 2004), o qual corresponde à produção de gêneros não só por um indivíduo/categoria,

mas, sim os de toda uma coletividade. Desse modo, o elemento sobressaliente central é a coletividade/comunidade. Por exemplo, na escola, não só o professor produz gêneros, mas, também, a gestão escolar, alunos, pessoal de apoio pedagógico, etc.

O terceiro tipo de agrupamento é de gêneros disciplinares (BHATIA, 2004). De acordo com Bezerra, essa apreensão textual diz respeito aos gêneros que são produzidos por campos específicos do conhecimento humano, mas, mantém entre si certas relações e/ou traços. Como por exemplo, a produção de artigo científico e resenhas, feita nas áreas da Educação e da Linguística em que se ressaltam suas especificidades sociodiscursivas.

Já, o quarto tipo de agrupamento apresentado por Bezerra é a hierarquia de gêneros (SWALES, 2004). Essa perspectiva evidencia que nem todos os gêneros têm o mesmo valor. Há uma hierarquia entre eles, a qual indica que uns são mais prestigiosos de que outros. Assim, um artigo científico pode ser mais valorado socialmente de que um resumo; ou, um capítulo será mais prestigiado de que o resumo.

O quinto agrupamento é a cadeias de gêneros (SWALES, 2004). Bezerra afirma que há uma ordem cronológica, ou seja, um processo de sucessão que desencadeia uma sequência de produção de gêneros. Como por exemplo, na participação de um congresso acadêmico, ocorre: produção de circulares, de ficha de inscrição, de resumo, de apresentação, de artigo para anais, por exemplo.

O sexto agrupamento diz respeito às redes de gêneros (SWALES, 2004). Neste, o autor destaca o papel que há entre os gêneros, como as relações intertextuais: dialogismo, intertextualidade. O sétimo agrupamento é o de repertórios de gêneros (ORLIKOWSKI; YATES, 1994). Já nesse, o agrupamento se dá por meio da metáfora da orquestração.

O oitavo agrupamento é o de ecologias de gêneros (SPINUZZI, 2004). Segundo Bezerra, nesse tipo de apreensão o foco central recai na atividade, assim, os gêneros são agrupados como representantes do pensamento da comunidade. E por fim, o nono agrupamento é o de colônias de gêneros (BHATIA, 2004). Essa perspectiva corresponde a “[...] agrupamento de gêneros intimamente relacionados” (BEZERRA, 2017, p. 57) e que transpõem as fronteiras disciplinares.

É possível perceber que esses conceitos/agrupamentos/categorias permitem ver como os gêneros se organizam no mundo real do discurso, evidenciando as dimensões



dinâmica e complexas que constituem os gêneros, mesmo que sejam por diferentes perspectivas de análise.

Bezerra reagrupa esses agrupamentos de gêneros em dois grandes blocos, ressaltando divergências e convergências: no primeiro, estão conjunto, sistema, cadeias e colônias; já, no segundo, ficaram os disciplinares, hierarquias, repertórios, redes e ecologias. O que ao meu ver, permite uma visão geral e produtiva da classificação dos diversos agrupamentos de gêneros.

Bezerra postula que “[...] a teoria não mais encara os gêneros como entidades individuais, estanques, isoladas, prontas a serem transformadas em objeto de estudo ou de ensino” (BEZERRA, 2017, p. 61). Também, afirma que é possível agrupá-los ou, do ponto de vista individual ou, a partir da atividade profissional de quem os produz.

O quarto capítulo, intitulado *Colônia de gêneros em livros acadêmicos*, Bezerra realiza a parte aplicada de seu estudo. Assim, podemos ver um exemplo de como o autor associa a teoria à prática. O autor constata que “[...] os gêneros não costumam se manifestar concretamente de modo isolado, mas, em inter-relação dinâmica com outros” (BEZERRA, 2017, p. 63). Sendo assim, ele destaca de antemão que esse é o pressuposto central e atual das teorias dos gêneros, sobretudo, porque estão em interação com o mundo real que também funciona desse modo.

Por outro lado, percebo que não poderia ser diferente. É impossível não encontrarmos nos diversos gêneros marcas de intertextualidade, polifonia, heterogeneidade discursiva, dentre outros processos, que, constituem dimensões que se materializam em discursos nos textos. Assim, por exemplo, estou me remetendo ao pensamento de Bakhtin, Authier-Revuz (2004), dentre outros, que, estabelecem que o dizer é atravessado por outros dizeres.

Bezerra, também, faz uma crítica a algumas teorias dos gêneros, ao dizer, ainda, que há pesquisas que se dedicam à descrição e análise de um gênero por vez, perspectiva por vez rejeitada por ele, principalmente, por conceber que é na inter-relação com outros gêneros que os gêneros se materializam. Nas seções seguintes, Bezerra aplica a noção de “colônias de gêneros” ao gênero Introdução de livros acadêmicos, ou seja, aos gêneros introdução, apresentação, prólogo, prefácio, sinopse, nota biográfica, e, assim, vai revelar que se tratam de gêneros que intimamente exibem formas híbridas em suas conjecturas.



Bezerra, ao analisar os propósitos comunicativos desses gêneros analisados, destaca os movimentos retóricos produzidos pelos autores desses textos, ou seja, explicita as ações verbais registradas pelos sujeitos ao produzir esses gêneros, como os de: definir o tópico, informar sobre o autor, indicar o objetivo do livro etc. Verifico que Bezerra constata, que, nesse tipo de agrupamento/apreensão, geralmente, que, além do propósito comunicativo principal, ou seja, introduzir/apresentar o livro, há um outro que será denominado de secundário: a promoção comercial da obra/autor. Sendo assim, percebo que além de destacar a dinamicidade que é própria dos gêneros, vemos também o autor propondo que os gêneros não podem ser tomados de forma isolada, eles estão em contínua inter-relação com outros gêneros.

Bezerra apresenta um esquema nos que ajuda a visualizar esse proposição teórica: primeiro, a Introdução a livros acadêmicos constitui uma colônia de gêneros; nela, há membros primários (introdução, apresentação, prólogo, prefácio, sinopse, nota biográfica), que, visam a introduzir o livro; e, também, há os membros secundários (agradecimento, dedicatória, epígrafe) que atendem a objetivos particulares/pessoais. É possível perceber que, além de reconhecer que dentro de um gênero que aparentemente seria único (Introduções), na verdade, temos uma colônia de gêneros (porque há outros lá dentro em inter-relação) e, que, estabelecem propósitos comunicativos diferentes.

Bezerra afirma que as colônias de gêneros apresentam um caráter aberto, ou seja, na realização de um gênero pode-se encontrar outros gêneros que interajam entre si. Ou seja, os gêneros não podem ser tomados como blocos monolíticos, estanques, mas, sim, como dinâmicos.

O pesquisador pernambucano aponta algumas constatações que teórico-metodologicamente reverberam sobre os estudos de gêneros: primeira, “[...] um gênero não se vincula exclusivamente a uma única colônia de gêneros” (BEZERRA, 2017, p. 83); segunda, “[...] a colônia dos gêneros introdutórios, por exemplo, permite situar e estudar esses gêneros no contexto das práticas da comunidade que simultaneamente os produz e na qual eles circulam” (BEZERRA, 2017, p. 83); terceira, “[...] a análise de gêneros possibilita um olhar mais realista para as práticas sociais que simultaneamente determinam e são determinadas pela produção e circulação de textos nas variadas comunidades discursivas” (BEZERRA, 2017, p. 83-84); e quarta, gêneros como “[...] agrupamento ou constelações a que se vinculam e como se manifestam no mundo real,

em detrimento do estudo de gêneros através de textos isolados de outros textos” (BEZERRA, 2017, p. 84).

No quinto capítulo, intitulado *A síntese brasileira na pesquisa sobre gêneros*, o professor Bezerra situa a pesquisa brasileira sobre os gêneros. Inicialmente, discute as questões relacionadas à filiação teórica que todo e qualquer pesquisador faz para localizar seu trabalho dentre das diversas macroáreas de investigação textual. Esse movimento retórico me faz pensar na metáfora paterna x função-filho da proposta lacaniana. Entendo que esse é um procedimento inevitável: nos localizamos dentre uma terminada área de pesquisa e nos filiamos a pesquisadores específicos que sustentam nossas investigações.

Também, neste capítulo, Bezerra especifica as tradições que compõem a abordagem de gêneros, de origem anglófonas: Escola de Sidney (HYON, 1996; por exemplo), com a Linguística Sistêmico-Funcional; Inglês para fins Específicos, com a Linguística Aplicada e Interacionismo Sociodiscursivo; e Estudos Retóricos dos Gêneros ou Nova Retórica/Sociorretórica, com as pesquisas de Swales, Bhatia, Bazerman, Miller, dentre outros.

Ainda nesse contexto, Bezerra questiona se é possível falar em uma síntese brasileira de estudo de gêneros. Assim, de acordo com ele, considerando a visão internacional, no Brasil há o predomínio das seguintes perspectivas: Linguística Sistêmico-Funcional, Inglês para fins Específicos, Análise Crítica do Discurso e Interacionismo Sociodiscursivo. Percebo que sobressai, mesmo que sejam abordagens diferentes, de todas essas vertentes o elemento: uso/práticas sociais. O argumento em favor dessa síntese é o de que se fundamentam os pesquisadores estrangeiros em evento acadêmico como o SIGET e/ou nos PCN, o que possibilitou o surgimento de uma nova abordagem teórica dos gêneros: “[...] conciliar aportes de diferentes teorias de âmbito internacional com a ênfase nacional no ensino de língua mediado por gêneros” (BEZERRA, 2017, p. 87).

No referido capítulo, Bezerra também descreve o cenário brasileiro quanto às teorias de gêneros mais produtivas na linguística brasileira: primeira visão do autor é o Interacionismo Sociodiscursivo, que, engloba a tradição suíça de gêneros, a consciência de gêneros, as convenções linguísticas e a atenção ao contexto social; e afirma, neste sentido, “[...] a abordagem brasileira combina pressupostos que abrangem desde as

tradições linguísticas até as tradições sociológicas e retóricas de estudos de gêneros” (BEZERRA, 2017, p. 88).

A segunda visão, diz respeito aquela formulada por Motta-Roth (2008) denominada de “abordagens mestiças” (BEZERRA, 2017, p. 88), ou seja, perspectiva que realiza o intertexto com várias outras escolas de pesquisas em gêneros. Neste contexto, por exemplo, Bezerra afirma que é possível articulação teórico-metodológica entre Interacionismo Sociodiscursivo e as tradições anglófonas.

Neste capítulo, em relação às abordagens mais frequentes, no Brasil, Bezerra aponta: Inglês para fins Específicos, Estudos Retóricos de Gêneros, Linguística Sistêmico-Funcional e Interacionismo Sociodiscursivo. Para tanto, afirma: “[...] propostas baseadas em combinações de aportes específicos [...]” (BEZERRA, 2017, p. 90). Também, afirma há influência do Interacionismo Sociodiscursivo e das teorizações de Bakhtin sobre os estudos de gêneros no Brasil. E conclui, no Brasil, as abordagens são “[...] múltiplas quanto parciais” (BEZERRA, 2017, p. 90).

O autor ainda sintetiza o que denominou de síntese brasileira: primeiro, apresenta a visão panorâmica sobre o conjunto das teorias de gêneros, com Marcuschi (2008) sendo o maior representante; e a segunda, constituída por empreendimento de macroteoria a partir da contribuição de diferentes abordagens e frequente orientação para o ensino.

Realmente, percebo que essas últimas perspectivas teóricas colocam o ensino como elemento relevante para abordar os gêneros. Fato recorrente não apenas em uma determinada teoria, mas, contemplada em várias outras daquelas apontadas pelo autor desta obra resenhada.

Bezerra, também neste capítulo, indica quem são os pesquisadores que estão inseridos nos esboços das sínteses que ele formulou: na visão panorâmica (também chamada de eclética), estão: Bakhtin (com a teoria da Linguagem), Dolz, Schneuwly, Martin (Linguística Sistêmico-Funcional), Adam (com Análise Textual dos Discursos), Bronckart (com o Interacionismo Sociodiscursivo), Bazerman e Miller (com Movimentos Sociorretóricos), Fairclough (com Análise Crítica do Discurso), Kress (com Semiótica Social), Bhatia e Swales. Já, na visão macroteórica, podem ser considerados: Bakhtin, Maingueneau, Koch, Adam, Bhatia, Swales, Fairclough, Marcuschi.

O autor ainda destacou a visão de síntese brasileira defendida por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005): para esses autores, no Brasil, há o predomínio das perspectivas:

sociossemióticas, sociorretóricas e sociodiscursiva; o que constituiria, uma perspectiva mais simplificada de análise de gêneros, na visão do autor.

Bezerra também discute o papel da Análise Crítica de Gêneros, a qual envolve o pensamento de Bakhtin, Bhatia, Meurer e Fairclough. Para o autor, essa perspectiva consiste num enquadramento interdisciplinar de Linguística Sistêmico-Funcional, do Interacionismo Sociodiscursivo e dos Estudos Retóricos de Gêneros. Essa perspectiva mostra-se tão relevante que poderia ser considerada uma outra síntese brasileira de estudos de gêneros. O argumento para isso está no fato de que, nesse modelo, gêneros e composição são abordados considerando os problemas sociais, tornando-se, assim, uma escola que trabalha com práticas sociais.

Ainda, de acordo com Bezerra, o papel de Bakhtin é tão relevante para a pesquisa brasileira que pode ser considerado outra síntese brasileira de pesquisa em gêneros: sua contribuição é central e atravessa em diferentes perspectivas de análise.

Bezerra também salienta que as perspectivas fundamentadas nos Estudos Retóricos de Gêneros e Inglês para fins Específicos priorizam os estudos de gêneros acadêmicos, profissionais, públicos e os de novas mídias. Avalio isso como muito importante, porque localiza na macroárea de estudos de gêneros, os lugares privilegiados ou os objetos de pesquisas desses modelos.

Bezerra ainda destaca, mesmo, que, tendo sido importantes para a divulgação e popularização de estudos dos gêneros, o papel dos PCN; por sua vez, têm o foco no ensino e não na teorização e/ou pesquisa de gêneros; como, também, o Interacionismo Sociodiscursivo, por seu turno, é uma abordagem com foco no ensino, por meio da realização de transposição didática, constituindo ferramenta metodológica para o ensino de língua através de sequências didáticas. E desse modo, segundo o autor, pode constituir outra síntese da pesquisa brasileira em gêneros.

No capítulo em tela, Bezerra afirma que a prática brasileira em pesquisa linguística, com foco nos gêneros, toma duas direções: primeira, a opção direta por uma teoria específica; a segunda, combinação de aportes teóricos diferentes em uma mesma pesquisa. Avalio os dois caminhos como produtivos e salutares. Tudo vai depender do seu objeto de pesquisa e dos objetivos traçados pelo pesquisador para seu estudo.

E, por fim, Bezerra realiza algumas constatações teóricas que podem reverberar nas pesquisas em desenvolvimento: (i) “[...] é impossível falar de uma ‘abordagem brasileira’ aos estudos de gêneros como um rótulo uniforme, um sistema fechado,

encapsulado em si mesmo” (BEZERRA, 2017, p. 107); (ii) “[...] é possível falar em termos de predominância ou de certas preferências teóricas que podem se mostrar típicas de parte dos estudos brasileiros” (BEZERRA, 2017, p. 107); e (iii) “[...] os dados referidos ao longo deste capítulo apontam para uma variedade de abordagens combinadas, muitas delas definidas ad hoc [...]” (BEZERRA, 2017, p. 107).

O sexto e último capítulo da obra intitula-se *A análise crítica de gêneros: uma escola brasileira?*, no qual o autor inicia questionando qual será o futuro da pesquisa brasileira em relação aos gêneros. Verifico que a pertinência da pergunta está no fato da existência da pluralidade de abordagens, de objetos e de públicos-alvo que constituem a agenda brasileira nessa área. Outro argumento de Bezerra, que, também, confere relevância à essa questão, é o fato da existência das abordagens ou sínteses brasileiras que tratou nos capítulos anteriores.

Assim, no cenário internacional, segundo Bezerra, a tendência dos estudos de gêneros é o afastamento de aspectos textuais e significativos, para a aproximação dos aspectos contextuais, ou seja, um certo distanciamento da textualização léxico-gramatical e da organização do discurso e, centrar o foco na contextualização do discurso produzido.

Bezerra descreve a Análise Crítica de Gêneros como um lugar que privilegia o desenvolvimento das teorias de gêneros; ou ainda, “[...] situada no contexto brasileiro para estudo da linguagem em uso” (BEZERRA, 2017, p. 113), com abrangência nacional e internacional.

Também, segundo Bezerra, a Análise Crítica de Gêneros, constitui uma subárea da Linguística Aplicada, que teve como inspirador e fundador o brasileiro Meurer, a qual também pode ser qualificada como uma abordagem interdisciplinar, sobretudo por dialogar com outras perspectivas teóricas: Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso, teorias sociológicas, dentre outras.

Neste capítulo, o autor ainda apresenta a definição de texto adotada por essa abordagem: “[...] neles e através deles os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam a realidade social na qual vivem e dentro da qual vão construindo sua própria narrativa pessoal” (BEZERRA, 2017, p. 114). A Análise Crítica de Gêneros, também, tem inspiração nos trabalhos de Fairclough, principalmente, ao compreender que o discurso tem três finalidades: “[...] produz e reproduz conhecimentos e crenças através de diferentes

modos de representar a realidade; estabelece relações sociais e cria, reforça ou constitui identidades” (BEZERRA, 2017, p. 114).

O pesquisador pernambucano também apresenta as contribuições da Análise Crítica de Gêneros, tanto as teóricas quanto às relacionadas ao ensino: no que diz respeito às teóricas, essa abordagem possibilita a análise dos elementos linguísticos e retóricos, ideológicos; privilegia o estudo do texto e a consideração das práticas sociais e inscreve os textos na atividade humana. E, em relação ao ensino, possibilita o “[...] estímulo ao desenvolvimento da autoria e à valorização do dialogismo e da intertextualidade” (BEZERRA, 2017, p. 118).

O livro *Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais* (BEZERRA, 2017) é altamente recomendável. Toda a obra produzida exhibe poder teórico e explicativo consistentes, permitindo, também, compreender diversos aspectos dos gêneros textuais/discursivos.

A obra ainda se destaca pela pertinente discussão em volta de gêneros de textos serem considerados apenas como “gêneros textuais”, “gêneros discursivos” ou apenas “gêneros”. Discussão que transita em várias teorias e vertentes dos estudos linguísticos, permitindo que se cheguem ao desenvolvimento de generalizações teóricas acerca da língua e à formulação de princípios linguísticos específicos.

A leitura atenta do referido livro, ainda, auxilia na superação de equívocos sobre a relação entre gêneros, textos e discursos tão presentes até mesmo no interior dos estudos linguísticos, quanto nas práticas pedagógicas de algumas redes de ensino.

O livro nos oferece outro aporte: demonstra diversas perspectivas teórico-metodológicas de se fazer descrição e análise e, especificamente, na obra o autor realiza uma análise, evidenciando que é possível estudar os gêneros em agrupamentos.

Bezerra ainda nos brinda com uma precisa descrição do panorama geral e, específico, do que seria uma “síntese brasileira” de estudos envolvendo a relação gênero, texto e discurso, contribuindo no aprofundamento dessa área de estudos linguísticos.

Outra contribuição de inestimável importância, desta obra, diz respeito ao modo didático adotado pelo autor, que possibilita uma visão geral e, ao mesmo tempo, específica das escolas/teorias em torno das temáticas abordadas no livro. Assim, a obra em análise constitui uma fonte valiosa de pesquisa para diferentes pesquisadores.

A obra, também, por um lado, é uma excelente escolha para quem está iniciando na licenciatura Letras/Português, visto que permite ao egresso desse curso ir se apropriando de termos teóricos e práticos que farão parte de toda sua formação acadêmica inicial; por outro, ao professor/pesquisador em formação continuada poder refletir sobre categorias presentes no ato de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. IN: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Tradução Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BHATIA, V. K. **Words of Written Discourse: A Genre-Based View**. Londres: Continuum, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** – Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 1999.

DEVITT, A. J. **Writing genres**. Southern Illinois University Press, 2004.

HYON, S. **Genre in Three Traditions: Implications for ELS**. TESOL Quarterly, n.30, 1996. p. 693-722.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: o que são e como se constituem?** - Recife: UFPE, 2000.



MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de gêneros e compreensão.** – São Paulo: Parábola Editorial: 2008.

MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MILLER, C. R.; BEZERMAN, C. **Generos textuais.** Recife : NIG. E-book (Série Bate-papo Academido, v. 1), 2011.

ORLIKOWSKI, W. J.; YATES, J. **Genre Repertoire: Norms and forms for Work and Interaction.** MIT Sloan School Working Paper #36671, mar. Disponível em: <http://ccs.mit.edu/papers/CCSP166#genre5>. Acesso em 14.04.2020, 1994.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184- 207.

SPINUZZI, C. **Describing Assemblages: Genre Sets, Systems, Repertoires, and Ecologies.** Computer Writing and Research Lab, White Paper Series, p. 1-9, 2004.

SWALES, J. M. **Research Genres: Exploration and Applications.** Cambridge: Cambridge, University Press, 2004.

**Josenildo Barbosa Freire**

Doutor em Linguística • Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte

Recebido em 08/05/2020

Aceito em 18/07/2020